



A VONTADE DE MUDAR
Homens, Masculinidade e Amor

Tradução
Dina Antunes

**ORFEU
NEGRO**

bell hooks

A PUBLICAÇÃO DESTA OBRA BENEFICIOU DE UMA PARCERIA
COM HANGAR – CENTRO DE INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

*dg*ARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

TÍTULO ORIGINAL

The Will to Change: Men, Masculinity, and Love

AUTORA

bell hooks

TRADUÇÃO

Dina Antunes

REVISÃO

Ana Pinto Mendes

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

DESENHOS

Ana Manso

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 2026 Orfeu Negro

© 2004 Gloria Watkins

Todos os direitos reservados. Tradução a partir da língua inglesa,
publicada por acordo com Atria Books, afiliada da Simon & Schuster, LLC.

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Junho 2026

DL 564472/26


ISBN 978-989-9225-62-6

ORFEU NEGRO


Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal


www.orfeunegro.org



«Ao transformar alquimicamente o chumbo em
ouro verdadeiro, os homens têm a oportunidade de
arder, de ser tocados por um fogo interior, de viver
uma vida rica, de ser transformados por completo.»



Este livro é dedicado à memória do meu avô,
Gus Oldham – ardente, um coração em chamas,
cujo amor, mais forte do que a morte, ilumina.



Na nossa sociedade em rápida transformação,
podemos contar com apenas duas coisas imutáveis.
O que nunca mudará é o desejo de mudar e o medo
da mudança. É o desejo de mudar que nos leva a
procurar ajuda. É o medo da mudança que nos leva
a recusar a própria ajuda que procuramos.

HARRIET LERNER, *The Dance of Intimacy*



PREFÁCIO

A PROPÓSITO DOS HOMENS

Quando o livro *About Men*, de Phyllis Chesler, foi publicado pela primeira vez, há muitos anos, fiquei animada. Finalmente, cogitei, uma pensadora feminista explicará esse mistério: os homens. Até essa altura, nunca tinha partilhado com ninguém o que sentia a respeito deles. Nunca fora capaz de confessar que não só não os entendia como os temia. Tinha a certeza de que Chesler, com a sua habitual audácia, não se limitaria a nomear e a explicar esse medo; faria bem mais: mostrar-me-ia os homens como eles são na realidade. Assim, transformar-se-iam em pessoas com quem eu poderia conversar e trabalhar, que eu poderia amar. O livro foi, porém, uma decepção. Repleto de citações de inúmeras fontes e de recortes de jornal sobre violência masculina, oferecia apenas fragmentos de informação: não havia nenhuma explicação, ou muito pouca, nem interpretação. A partir desse momento, comecei a pensar que nós, mulheres, tínhamos receio de falar abertamente dos homens, medo de explorar a fundo as nossas relações com eles – o que testemunhámos enquanto filhas, irmãs, avós, mães, tias, amantes, objectos sexuais ocasionais – e que temíamos até reconhecer a nossa ignorância, o quanto de facto desconhecemos dos homens. Tudo o que não sabemos intensifica a nossa sensação de medo e de ameaça. E, sem dúvida,

conhecer os homens apenas no que diz respeito à violência masculina, à violência contra mulheres e crianças, é um conhecimento parcial e inadequado.

Hoje em dia, surpreende-me que as mulheres que defendem uma política feminista tenham tido tão pouco a dizer sobre os homens e a masculinidade. Nos primeiros escritos do feminismo radical expressavam-se a raiva e até o ódio contra os homens, contudo, não houve nenhuma tentativa significativa de resolver esses sentimentos, de imaginar uma cultura de reconciliação em que mulheres e homens pudessem reunir-se e encontrar pontos em comum. O feminismo militante deu às mulheres permissão para libertarem a sua raiva e o seu ódio contra os homens, mas não nos permitiu discutir o que significa amar os homens numa cultura patriarcal, nem perceber como poderíamos exprimir esse amor sem medo da exploração e da opressão.

Antes da sua morte, Barbara Deming era uma das raras pensadoras feministas sem papas na língua que desejavam criar um espaço para que nós, mulheres, falássemos abertamente sobre os nossos sentimentos em relação aos homens. Quando expressava a sua preocupação de que a fonte da ira feminina contra os homens impedia as mulheres de expressarem outros sentimentos que não fossem a sua sensação de que «os homens são uma causa perdida», afirmou: «Assusta-me que cada vez mais mulheres se sintam desta maneira, que sintam que os homens, o género no seu conjunto, são uma causa perdida.» Deming não sentia que os homens fossem incapazes de mudar, de se afastar da subjugação masculina, mas acreditava que era

PREFÁCIO

necessário que as mulheres dissessem a verdade sobre o que pensam dos homens: «Creio que a única forma de chegar onde temos de ir é nunca nos recusarmos a enfrentar a verdade dos nossos sentimentos à medida que surgem dentro de nós, mesmo quando desejamos que não fossem verdadeiros. Assim, temos de admitir a verdade de que às vezes desejamos que os nossos pais, filhos, irmãos, amantes não estivessem lá. Todavia, essa verdade coexiste com outra: a verdade de que esse desejo nos provoca angústia.» Enquanto algumas mulheres activas no movimento feminista se sentiam angustiadas com a nossa incapacidade colectiva de converter as massas de homens ao pensamento feminista, muitas mulheres sentiram que o feminismo lhes dava permissão para serem indiferentes aos homens, para se afastarem das necessidades masculinas.

No apogeu do feminismo contemporâneo, muitas mulheres insistiam que estavam cansadas de gastar energia com os homens, que queriam pôr as mulheres no centro de todos os debates feministas. As pensadoras feministas que, como eu, desejavam incluir os homens na discussão eram frequentemente etiquetadas como «mulheres cuja identidade depende dos homens» (*male-identified*) e rejeitadas. Diziam que «dormíamos com o inimigo». Éramos as feministas nas quais não se podia confiar porque nos preocupávamos com o destino dos homens. Éramos as feministas que não acreditavam na superioridade feminina, tal como não criam na superioridade masculina. À medida que o movimento feminista progrediu, tornou-se evidente que o sexismo e a exploração e opressão sexistas não mudariam a não ser que os homens também estivessem

profundamente comprometidos com a resistência feminista; no entanto, a maioria das mulheres ainda não demonstrava um interesse genuíno em debater a masculinidade.

Mesmo quando algumas feministas reconheceram que deviam interessar-se mais pelos homens, isso não levou as mulheres a produzirem um corpo consistente de escritos sobre eles. Face à ausência desses textos, cresce em mim a sensação de que as mulheres não falam de forma aberta sobre os homens porque a sua sociabilização na cultura patriarcal as votou ao silêncio no que respeita a este assunto. Mas não fomos apenas silenciadas; a nossa sociabilização transformou-nos em guardiãs de segredos perturbadores – em particular daqueles que revelariam as estratégias quotidianas de domínio masculino, o modo como o poder masculino é exercido e mantido na nossa vida privada. De facto, a visão do feminismo radical de que todos os homens eram opressores e todas as mulheres eram vítimas foi apenas uma forma de desviar a atenção da realidade dos homens e da nossa ignorância sobre eles. Rotulá-los simplesmente de opressores e ignorá-los significava que nunca precisaríamos de dar voz às lacunas no nosso entendimento ou de falar sobre a masculinidade de forma complexa. Não precisaríamos de falar sobre o modo como o medo dos homens distorcia a nossa visão e nos impedia de os compreender. Odiá-los era apenas outra forma de não os levar, a eles e à masculinidade, a sério. Para as mulheres feministas era mais fácil criticar e exigir mudanças ao patriarcado do que falar sobre os homens – do que sabíamos e do que não sabíamos, e de que forma queríamos

que os homens mudassem. Era preferível exprimir o desejo de que eles desaparecessem ou morressem.

Barbara Deming exprime este anseio com grande eloquência quando escreve sobre a morte do pai: «Foi há muitos anos, num fim-de-semana que passámos no campo. Ele estava a trabalhar lá fora com uma picareta e uma pá, a preparar um novo canteiro. Sofreu um ataque cardíaco e caiu ali, na terra remexida. Chamámos uma ambulância e a equipa de socorro tentou reanimá-lo, sem sucesso. Eu estava meio deitada no chão ao lado dele, com os braços em redor do seu corpo. Percebi então que aquela era a primeira vez, em toda a minha vida, que me senti capaz de tocar verdadeiramente no corpo do meu pai. Segurei-o com força, com o meu amor e com a minha dor. E a minha dor devia-se, em parte, ao facto de o meu pai, que eu amava, estar a morrer. Mas também porque já sabia que a sua morte me permitiria sentir-me mais livre. Chorava por saber que tinha de ser assim. É uma dor de que me custa falar. Saber que só quando ele jazia morto é que me senti livre para lhe tocar sem a ameaça do seu poder sobre mim é-me insuportável. E penso que dificilmente haverá uma mulher que nunca tenha sentido uma dor semelhante. Por isso, dizer que, por vezes, desejamos que os homens morram é uma simplificação excessiva – a menos que digamos também a verdade talvez mais difícil de encarar (enquanto tentamos descobrir o nosso próprio poder, enquanto tentamos ser nós próprias): a verdade é que esse desejo é-nos insuportável. Dilacera-nos.» Aos vinte e poucos anos, antes de encontrar o meu próprio poder, era frequente desejar que os homens da minha vida morressem. O anseio de que o

meu pai morresse começou na infância. Era a minha resposta à sua raiva e violência. Costumava sonhar que ele tinha desaparecido para todo o sempre, que estava morto.

A morte era o modo de conjurar o medo suscitado pela declaração: «Espera até o teu pai chegar a casa.» A ameaça do castigo era tão intensa e o seu poder sobre nós era tão real. Deitada na minha cama de infância, à espera de ouvir a dureza da cólera na sua voz, o som invasivo das suas ordens, costumava pensar: «Se ao menos ele morresse, nós poderíamos viver.» Mais tarde, já mulher adulta, enquanto esperava que o meu companheiro chegasse a casa, o homem que normalmente era carinhoso, mas que às vezes irrompia em ataques violentos de raiva, costumava pensar: «Talvez ele sofra um acidente e morra, talvez não volte para casa, e eu ficarei livre e poderei viver.» Mulheres e crianças em todo o mundo desejam que os homens morram para poderem viver. Esta é a verdade mais dolorosa da subjugação masculina: os homens exercem o poder patriarcal na vida quotidiana de formas tão assustadoramente ameaçadoras que mulheres e crianças se encolhem de medo, em vários estádios de impotência, convencidas de que a única maneira de escapar ao seu sofrimento, a sua única esperança, é que os homens morram, que o pai patriarcal não volte para casa. Mulheres e crianças, raparigas e rapazes, dominados por homens, desejam a sua morte porque crêem que estes homens não estão dispostos a mudar. Acreditam que os homens que não são dominadores não os protegerão. Acreditam que os homens são uma causa perdida.

PREFÁCIO

Quando saí de casa e fui para a universidade, sempre que telefonava para casa e o meu pai atendia, eu desligava. Nada tinha para lhe dizer. Não possuía palavras para comunicar com aquele pai que não ouvia, que não parecia importar-se, que não sabia palavras de carinho ou de amor. Eu não precisava do pai patriarcal. E o feminismo ensinara-me que eu podia esquecê-lo, virar-lhe as costas. Todavia, ao virar as costas ao meu pai, virei de igual modo as costas a uma parte de mim. É uma ficção de um falso feminismo a ideia de que nós, mulheres, podemos encontrar o nosso poder num mundo sem homens, num mundo em que negamos as nossas ligações aos homens. Só reivindicaremos plenamente o nosso poder quando conseguirmos dizer a verdade de que necessitamos de homens nas nossas vidas, de que os homens fazem parte das nossas vidas, quer o queiramos quer não, de que precisamos de que os homens enfrentem o patriarcado, de que precisamos de que os homens mudem.

Embora o feminismo me tenha permitido ir além dos limites impostos pelo patriarcado, foi a busca da inteireza, da recuperação pessoal, que me levou de volta ao meu pai. A reconciliação com o meu progenitor começou com o meu reconhecimento de que desejava e necessitava do seu amor, e de que, se não podia tê-lo, ao menos precisava de curar a ferida que a sua violência abriu no meu coração. Precisava de falar com ele, de lhe dizer a minha verdade, de o abraçar e de lhe fazer saber que era importante. Actualmente, quando telefono para casa, deleito-me com o som da sua voz, com o sotaque sulista tão familiar, cheio de pausas nos sítios certos. Quero ouvir a sua voz para sempre. Não quero que ele morra, este pai que posso abraçar,

que recebe o meu amor e me ama de volta. Ao compreendê-lo, compreendo-me melhor. Para reivindicar o meu poder como mulher, tenho de o reivindicar a ele. Fazemos parte de um todo.

A Vontade de Mudar: Homens, Masculinidade e Amor é um livro sobre a nossa necessidade de viver num mundo onde as mulheres e os homens podem ser partes de um todo. Ao analisar as razões pelas quais o patriarcado tem mantido o seu poder sobre os homens e sobre as suas vidas, apelo a que recuperemos o feminismo para os homens, mostrando por que razão o pensamento e a prática feministas são a única forma de enfrentarmos verdadeiramente a crise da masculinidade actual. Repito muitos pontos ao longo do texto para que cada capítulo, por si só, transmita as ideias mais significativas do conjunto. Os homens não podem mudar se não existirem modelos para a mudança. Os homens não sabem amar se não lhes for ensinada a arte de amar.

Não é verdade que os homens não estejam dispostos a mudar. É verdade que muitos têm medo de mudar. É verdade que massas de homens não começaram sequer a observar de que modos o patriarcado os impede de se conhecerem a si próprios, de estarem em contacto com os seus sentimentos, de amar. Para conhecer o amor, os homens devem ser capazes de abandonar o desejo de dominar. Devem poder escolher a vida em detrimento da morte. Devem estar dispostos a mudar.